

## COLUNA DO CASTELLO

## O Congresso atropela o Governo Sarney

SEGUE o Presidente José Sarney governando a reboque do Congresso, atropelado por ele, surpreendido por suas iniciativas. Era desejo do Presidente deixar para mais adiante o envio de uma emenda constitucional que restabelecesse a eleição direta para a escolha do seu sucessor — acabou obrigado a enviá-la mais cedo do que imaginava, ante a pressão de deputados e senadores. Empenhado em não fraturar a unidade da Aliança Democrática, o Sr Sarney jamais sonhou com uma emenda que tornasse inelegíveis os atuais prefeitos das Capitais — o Congresso sonhou em seu lugar e tirou o sono do Presidente e de governadores como o Sr Franco Montoro, atormentado pelo pesadelo janista.

Se dependesse do Sr Sarney, o Congresso não aprovaria o projeto de enterrar mais de 1 trilhão de cruzeiros para tentar salvar da falência o Sul Brasileiro. A Sudene, por exemplo, não dispõe de quantia parecida para atender os nove Estados do Nordeste. Como é rarefeita a influência do Governo da Nova República sobre o Congresso eleito ainda no período da velha, a Câmara aprovou o projeto e o Senado, ontem, seguiu-lhe os passos. O Presidente deverá vetar, como insinuou, algumas aberrações de um projeto já, em si, aberrante. O mal, de toda forma, estará feito, mesmo que pela metade. A incompetência empresarial terá sido premiada.

De remendo em remendo, o Presidente está sendo coagido a fabricar mais um. A intenção do Sr Sarney era a de só convocar a Assembléia Nacional Constituinte depois de estabelecido o pacto político e social proposto por ele. A emenda Gastone Righi, a ser votada no próximo dia 12, alterou radicalmente o calendário do Presidente. O Sr Sarney rendeu-se mais uma vez e decidiu antecipar o que gostaria de fazer mais tarde. Encurtou sensivelmente o tempo para que se materialize um pacto de contornos indefinidos e que não despertou muito interesse até agora. É coisa mais para realçar as inegáveis boas intenções do Presidente, ocupar espaço e dar trabalho a jornalistas, que perseguem o pacto como uma espécie de objeto voador não-identificado.

De real, existe a popularidade do Presidente, atestada em pesquisas recentes: o reconhecimento quase unânime da Nação acerca da fidelidade do Sr Sarney às promessas assumidas pelo Presidente Tancredo Neves; mas isso não quer dizer que o Governo vá bem, obrigado. Desconte-se que esse não seria o Governo do Sr Sarney, não seria essa equipe de ministros que ele teria escalado — ainda assim resta a constatação de que poderia ir melhor se o Presidente arquivasse os receios que o impedem de dormir mais de 4 horas por noite. Se o Presidente, afinal, sentasse de vez na cadeira que hoje divide com o Deputado Ulysses Guimarães.

O Governo dispõe de um excesso de ministros que não se entendem e sofre da ausência de um comando político forte e coerente. O chefe do Gabinete Civil da Presidência da República foi posto ali para cuidar da administração — a coordenação política do Governo seria entregue aos cuidados do Ministro da Justiça. Dá-se que o Ministro não a exerce — seja porque não tem sido muito feliz nas atitudes que toma, seja porque o Presidente não lhe fornece os instrumentos de que precisa. Ou não confia nele. Os líderes do Governo na Câmara e no Senado não lideram suas bancadas, o Deputado Ulysses Guimarães corre o risco de não se reeleger para a presidência do PMDB e o Senador José Fragelli foi eleito contra a vontade do Presidente Tancredo Neves.

O Deputado Pimenta da Veiga foi feito líder do PMDB na Câmara por obra e graça do Deputado Fernando Lyra, de olho no Gabinete Civil da Presidência e no Ministério da Justiça. Paga, agora, o preço de uma eleição artificial. O Senador Humberto Lucena, derrotado dentro de sua própria bancada quando tentou se eleger presidente do Senado, ganhou o prêmio de consolação de liderá-la — mas só nominalmente. O Senador Fernando Henrique Cardoso abischoitou o título de líder do Governo no Congresso porque o Sr Lucena ocupou a vaga reservada para ele pelo Presidente Tancredo Neves. O título, por enquanto, é uma obra de ficção, porque o regimento do Congresso ainda não foi alterado para permitir sua existência.

Ocupado em vigiar o Presidente da República e em nomear correligionários para as vagas disponíveis no Governo, o Deputado Ulysses Guimarães não controla, como o Sr Tancredo Neves imaginava que ele o faria, nem a Câmara, nem os representantes do seu partido dentro dela. A tarefa de empregar amigos e adeptos desgastou muito o Deputado. Ainda não estão cicatrizadas as feridas abertas com sua apertada vitória sobre o Deputado Alencar Furtado. Esvaise, aos poucos, o carisma do líder que combateu, durante mais de 20 anos, o autoritarismo. Ou muda o Sr Ulysses Guimarães, ou o PMDB muda de presidente até o final do ano.

Segue o Presidente José Sarney tentando harmonizar um Governo que não é seu, sem uma retaguarda segura dentro de um Congresso sem comando, às portas de uma eleição que tende a aprofundar as rachaduras na frágil estrutura da Aliança Democrática. É de se ver em que dará tudo isso.